



ANO 15
No. 131
SET-OUT/2005
F.A.R.J.

LIBERDA

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO
farj@riseup.net <http://farj.entodaspares.org> Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças. 19h no SINDSPREV-RJ. Rua Joaquim Silva, 98-A - Lapa. Auditório do 3º andar.
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 17h. Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

REFERENDO SOBRE A PROIBIÇÃO DO COMÉRCIO DE ARMAS NO BRASIL

“LIBERDADE, LIBERDADE, abre as asas sobre nós...”

Não estão nos conclamando para votar. Estão nos **impondo** um Plebiscito!

Se não votarmos, seremos, como crianças, castigados: multas, proibições...E que *consulta ao povo* é esta, em que ditatorialmente só se tem direito a um sim ou um não, sem direito a uma terceira opinião, como a que agora expressamos? E por que mobilizarmo-nos politicamente contra ou a favor da posse de um 32 ou um *trezoitão* e não, ecologicamente, contra a contaminação da atmosfera, conforme acordo internacional de Kioto que os Estados Unidos se negam a assinar? Porque não nos mobilizam para opinar se devemos ou não apoiar a ALCA?

Sabemos, por exemplo, que não é a defesa da *democracia* o que mobiliza exércitos e homens inocentes de todo o mundo para guerras, como as do Golfo e do Iraque; foram, sim, o **petróleo** e a **produção bélica** - hoje, os dois mais importantes investimentos capitalistas do imperialismo mundial - o real motivo da belicosidade (lucro=guerra=lucro). Lembram do desperdício gigantesco de milhares de canhões-tratores colossais e fabulosos carros de assalto blindados, abandonados, inúteis, no deserto, logo após a invasão? Dos inumeráveis e caríssimos *exocets* e *stealths* cruzando os céus noturnos sobre as cidades e as populações apavoradas?

Antes de *possuirmos* o direito de votar, *exijamos* o direito, também, de **não votar**. O povo está cansado de messias, chefes, “deuses”, “salvadores da pátria”, “homens do povo” que há muito tempo não fazem senão reproduzir, sob os mais diversos discursos, a mesma velha farsa de dominação e exploração. Não haverá uma sociedade justa sem total liberdade nem uma sociedade livre sem total justiça social. Já é hora do povo, farto de ser

enganado por pseudo-dirigentes a serviço do pior dos mundos e auto-organizar-se na busca de objetivos maiores e mais verdadeiros; com o social garantindo o individual; e deixando de lado os charlatões, parasitas e equivocados da política institucional. O Estado será mesmo o povo?

Assim, afirmamos que:

O tal referendo, a tal consulta popular é uma cortina de fumaça. Não se trata de unir democraticamente o nosso povo, mas distraí-lo, *treinando-o* eleitoreiramente para as urnas.

Não é de UNIÃO que se cuida, mas de “URN...IÃO”!

Se houvesse seriedade nas indagações públicas, porque não perguntar ao povo, nacionalmente, se a corrupção já alcançou ou não o governo?...Ou, porque não consultar o povo ribeirinho do São Francisco se deseja ou não a sua transposição?

O Presidente Lula não está voltado para nós, mas ambiciosamente preocupado em “liderar”, sem grande sucesso, a América do Sul, utilizando o referendo (uma estratégia já bastante explorada pelo presidente venezuelano, o militar-populista Hugo Chavez) para incutir no imaginário

social os elementos pretensamente democráticos e simular a participação popular.

Não permitiremos que nos *bitolem*, que *alienem* nossas vontades. Para que não nos **anulem**, anulemos nosso voto. Assim, no Plebiscito, contrariando a *Globo*, seus artistas, e os *lobbies* da indústria bélica:

Voto obrigatório? NUNCA!

Antes que nos anulem, anulemos, nós, o voto !

Não ao SIM. Não ao NÃO.

Votem NULO, Votem ZERO!



“O voto deve ser rigorosamente secreto. Só assim, afinal, o eleitor não terá vergonha de votar no seu candidato”.

Barão de Itararé

RUPTURA REVOLUCIONÁRIA

“Conceber uma idéia é começar a realizá-la. Permanecer no quietismo, não executar o ideal sentido é não agir; pô-lo em prática, realizá-lo em toda ocasião e momento da vida é obrar de acordo com o que se diz e predica. Pensar e agir a um tempo deve ser a obra dos pensadores; atrever-se sempre e obrar em toda ocasião deve ser o labor dos soldados da liberdade”.

Ricardo Flores
Magón

Clarinata de Combate, Revolución 1907.

A teoria da ruptura, sistematizada por Maurice Joyeux, anarquista francês oriundo do movimento sindical, aponta os riscos que correm os anarquistas de cair em dois extremos, um seria um certo isolamento ou boicote, se isto é possível, frente ao sistema capitalista e estatal hegemônico para construir paralelamente uma outra sociedade, fundada sobre alicerces libertários, o que se aproxima consideravelmente de algumas idéias, cujo valor reconhecemos, defendidas por Proudhon e os mutualistas, além de movimentos da contra-cultura em dias mais recentes, mas às quais nos parece faltar um efetivo plano de sítio para demolir definitivamente o castelo de nossos tiranos, cujos lacaios, até lá, permanecerão em nosso encaixo, e sabotarão em todo momento nossa sociedade futura.

Outro seria mergulhar nas correntezas de algumas lutas inseridas dentro do sistema, que tendem fortemente ao corporativismo e a um certo comodismo frente aos acenos e migalhas ilusórias, como vemos ocorrer com preocupante frequência ao longo de mais de um século com as cooperativas e sindicatos. Risco também assumido se nos escondemos dentro da jaula das proteções sociais estatais, que funcionaram em outro modelo de gestão do capital. Métodos de luta válidos para a amenização dos efeitos nefastos da sociedade de classes, mas frente aos quais devemos manter nossas diretrizes radicais no sentido pleno da palavra, combatendo as causas, e não os efeitos da opressão.

São muitas também as concepções de autogestão que não transcendem este problema. O que permite a aplicação de princípios autogestionários isolados que se encaixam com bastante eficácia às empresas estatais e capitalistas. Se vista enquanto mecanismo de organização desvinculado da vontade revolucionária, estará fadada à mesma conformação.

Por outro lado, a dialética marxista tampouco demonstra eficiência quando o objetivo da revolução é a ruptura e a destruição da sociedade de classes, mantendo uma perspectiva que ruma o sistema, através da dogmatização de uma relação

necessária que estabelecem tese e antítese. A teoria da ruptura, em consonância com os objetivos traçados por Miguel Bakunin, e aqui na América Latina com aqueles de Ricardo Flores Magón, nós predicamos a mesma perspectiva de Joyeux no que se refere à necessidade em destruir desde sempre as bases do sistema estatal capitalista de classes. Não permitir qualquer reprodução ou síntese com o sistema, pois como dizia Buenaventura Durruti: “Trazemos um novo mundo”. E respondemos ao reformismo de frases como: “um passo para trás, para dar dois passos à frente”, com esta: Nenhum passo atrás! Portamos então a tal doença infantil, como poderia dizer o senhor Lênin, o sábio do gabinete, mas é esta a luta de classes mais encarniçada, e que sempre incomodou os sociais-burocratas. A nós anarquistas, nos é muito caro o sangue derramado em vão. Sejamos então a doença do capitalismo sadio.

A verborragia esotérica das ciências econômicas hegemônicas gera as mais absurdas resultantes sociais. Teóricos do peso de E.F. Schumacher ou Fritjof Capra já muito bem demonstraram o quanto estas ciências econômicas abstratas são quase plenamente descoladas das contingências materiais que tanto postulam. O crescimento econômico, apresentado como aumento da taxa de riqueza e felicidade sem limites, calcula-se isoladamente dos pressupostos da tragédia social e ecológica que nos aflige. A palavra grega, economia, por oposição, tem base doméstica bem assentada. É este o desenvolvimento que não temos, do bem-estar material, cultural, moral, da liberdade, para nós, nossas famílias, comunidades.

Onde está o desenvolvimento econômico então senão nos números dos governos e organizações internacionais do Capital? Em meio à miséria imposta à humanidade e à vida em nosso planeta, é preciso destruir os mecanismos de exploração enquanto construímos a nova sociedade. Trabalhem em desviar os meios de produção capitalistas, como bem expressou o situacionista Ratgeb, para nossos fins revolucionários. Construamos outras relações e meios de produção, respaldados nos saberes e práticas populares libertárias desenvolvidos na luta cotidiana. Não nos enganem os novos apelos capitalistas que reivindicam o desenvolvimento sustentável ou humano. Enquanto a ideologia do bem-estar sustentar-se nos pressupostos pautados pela classe opressora, à qual se destinam as benesses do sistema, a humanidade hoje explorada não poderá alcançá-lo.

Então agimos sobre nossa realidade, sabendo que não vamos transformá-la apenas com nossas forças. De nossos esforços não resultarão mundos ideais. Portanto, temos o dever de aplicar, acumular e fortalecer aqueles saberes e práticas desenvolvidas pelo povo que são sinônimas de liberdade. Cientes de que somos minoria, mas inseridos no cotidiano do trabalho, do sustento, da família, do bairro, do aprendizado, da vila, aldeia ou posse. Os anarquistas devem estar sempre presentes, condenando e sabotando a opressão, construindo alternativas, lutando ferreamente para que um dia estas deixem de ser apenas vias possíveis, mas que sejam as vias necessárias para a dignidade desejada.

**Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 4,00).**

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

Jaguaranhô

O GRITO DOS EXCLUÍDOS

*“Se sua visão for para um ano, plante trigo.
Se sua visão for para dez anos, plante árvores.
Se sua visão for para a vida inteira, plante pessoas.”
(Provérbio chinês)*

O dia 7 de setembro é eleito pelo governo brasileiro como a data de sua *Independência*. Diferentemente de outras datas comemorativas, é nesta ocasião que se abrem cortejos em todas as capitais do país para o desfile de grupos representantes das forças do estado, com maior ênfase, os militares. Felizmente, para a povo em geral, tirando aqueles que vão aos desfiles para apreciar as fantasias verde-oliva e o espetáculo da virilidade bélica, este não é mais do que um dia de folga e descanso do trabalho. Porém, esta parte da sociedade observa confusa ou revoltada o fetichismo nacionalista. Os que recordam da história acham contraditória a rememoração atual de uma libertação colonial, em que a nobreza brasileira dava fim ao domínio político do império português. Lembre-se que o fim da colonização portuguesa apenas fundou o início de nossa dependência aos acordos econômicos internacionais, na época com a Inglaterra, e bancava-se na escravização dos trabalhadores vindos da África e espolição dos demais habitantes daqui. Desde de lá, apesar das muitas resistências populares, nossas relações não se modificaram significativamente a ponto de nos considerarmos independentes. Somos ainda cativos dos sistemas financeiros internacionais, cativos do imperialismo renovado (estadunidense), cativos dos valores capitalistas, cativos de um sistema político elitista, autoritário e auto-privilegiário, cativos dos sistemas de trabalho altamente exploratórios e sem nenhuma utilidade direta para nossas vidas, etc. Enfim, os próprios que nos mantêm na dependência, posam de galo (e de gala) na avenida.

Justamente, a partir desta desordem é que se constrói a revolta. Diversos indivíduos ou integrantes de movimentos sociais, há poucos anos (pois nos tempos da ditadura não seria possível este tipo de manifestação sem que se corresse o risco de repressão e assassinato), resolveram mostrar o contraditório, organizando um protesto chamado *Grito dos Excluídos*, de desfile não-oficializado e programado para o final da passagem das forças do Estado. Porém, de algumas versões para cá, diversos setores que mobilizavam a manifestação arrefeceram-se ao canto das sereias da política e juntaram-se ao coro dos contentes. Estas vozes enganadoras faziam crer que estavam no rumo correto e bastava-nos a esperança. Desde o início do governo Lula, o *Grito*, quando não era abafado, era taxado de fora do tom. Mesmo rouca ou desafinadamente, resistiu-se em soltar o verbo contra as injustiças. E neste exato momento, nada mais oportuno, pois a credibilidade nos poderes superiores despenca, frente às confirmações de corrupção, enriquecimento e autoritarismo.

Nas últimas versões, apesar da confiança e presença neste protesto, nós anarquistas ainda não havíamos conseguido comparecer de forma organizada. O ano de 2005 é símbolo do nosso amadurecimento e o *Grito dos Excluídos* foi nossa prova. Consideramos até que, no conjunto dos que organizaram a atividade (no qual estamos incluídos), a postura foi certamente mais radicalizada que nos últimos anos. Em grande parte, nossa participação surtiu efeito e nossa concepção sobre como se devem funcionar protestos e manifestações se fizeram respeitar. Para nós o protesto deve ser não apenas um instrumento de propaganda e conscientização social, mas a demonstração de nossas propostas e atividades concretas. Em confirmação, o número de pessoas ligadas aos nossos trabalhos no movimento social que compareceram ao ato foi

massivo, cerca de 300 pessoas: membros da FARJ, anarquistas e ativistas que congregam o Centro de Cultura Social, sindicalistas e os moradores da ocupação de Campo Grande, das duas ocupações de Jacarepaguá (Curicica), ocupação de São Gonçalo e da Tijuca que, junto ao MST, compuseram com maestria a ala representante da luta pela terra e moradia.

Com críticas construtivas, chamamos a atenção dos movimentos sociais com que temos afinidade e que estavam presentes, sobre a desorganização e a

falta de sensibilidade em importantes circunstâncias. A responsabilidade dos erros é coletiva, mas não foi por falta de aviso que ocorreram os problemas com certos indivíduos (mais especificamente com os protofascistas, comunistas do partido de linha governista), que ganharam projeção às nossas custas. Nem o “Fica Lula” era permitido antecipadamente, mas por eles houve estandarte. Não fosse o bom senso dos militantes libertários, estes vagabundos, com suas desavenças e tumultos, nos teria atrapalhado o percurso.

Falhamos também na concessão da responsabilidade da confraternização final, almoço coletivo (onde teríamos reforçado nossas idéias e ações conjuntas), às mãos de grupos de pouca organização. Mas nosso encerramento da passeata cumpriu bem este papel, pois harmonizou as vozes e os gritos dos moradores das ocupações, militantes de sindicatos, grupos anarquistas e ativistas, o grupo indígena presente e ativistas recém apresentados. Satisfaz-se, sim, a nossa esperança e confiança de que os caminhos do socialismo, da autonomia e da autogestão podem ser percorridos e expandidos. Avancemos!

Anarquia é ordem!

Socialismo é luta!

Federação Anarquista do Rio de Janeiro – FARJ



.....Notícias Libertárias.....

Nosso chão! Num trecho de cerrado da capital de concreto, na asa norte de Brasília, nas cercanias do Parque Burle Marx, vivem alguns representantes dos primeiros povos deste nosso chão. São eles índios Fulni-ô, Guajajara, Kariri-Xocó... Ali garantem parte do seu sustento cultivando árvores frutíferas, plantas medicinais, verduras e grãos, sementes e fibras para o artesanato, reproduzindo diversas espécies do cerrado e outros biomas, e suas variedades. Defendem com aceiros e enxada sua mata das queimadas criminosas que costumam atingir todo o Distrito Federal, para a abertura de loteamentos que enchem os bolsos da canalha política-empresarial queimando o verde da vida para possuir o verde do dólar. Indiferentes ao custo social, cultural e ecológico, pretende-se expandir o asfalto, os edifícios, os carros, com a construção de um novo setor em Brasília, chamado Noroeste. Desrespeitando os índios neste local que preservam vivo, para a construção dos imóveis que tanto lhes rendem lucros e votos. Desrespeitando os sitiantes e os catadores de material reciclável. Não permitamos mais uma iniciativa de latifúndio imobiliário, onde uns poucos vão lucrar com as vendas e os aluguéis exorbitantes que em última instância exploram o povo trabalhador, que gera as riquezas! Povo que usufruirá tampouco do setor Noroeste, pois a ele será este inacessível. Não podemos permitir que a população siga entregando o poder de decisão a quem simplesmente manda regularizar uma terra ou criar um loteamento de uma terra que não é sua, mas sim pública, e quando todos nós temos o direito de viver sobre um chão e sob um teto. Nenhum governante fez favor algum a ninguém quando disse que cedeu um local de moradia que nunca foi seu. É direito nosso! Lutemos por ele! Devemos garantir o direito de moradia dos índios e seus modos de vida. O direito à terra do sitiante. Garantir o respeito ao honroso e imprescindível trabalho do catador, que pena para encontrar seu espaço de moradia. Esses governantes usurpadores das terras públicas já causaram muito estrago. Não permitamos a construção do Noroeste!

Expressões Anarquistas: Entre os dias 7 e 9 de outubro aconteceu na cidade de Araraquara/SP o evento *IV Expressões Anarquistas*, que contou com a presença de indivíduos e grupos da própria cidade de Araraquara, além de Campinas, Curitiba, Florianópolis, Juiz de Fora, Marília, Piracicaba, São Paulo, Barcelona (Espanha) e Rio de Janeiro, reunindo cerca de 30 pessoas. Do Rio de Janeiro a participação foi por conta de um representante da FARJ. De outras regiões compareceram integrantes de organizações anarquistas como o *Fenikso Nigra*, GIEPS, CRAP e *Coletivo Anarquista Terra Livre*. Os debates “Uma cronologia da história do anarquismo”; “1º Congresso Operário Brasileiro”; “Revolução Russa”; “Guerra Civil Espanhola”, ocorreram de forma dinâmica e cumpriram importante papel de revitalização da memória do movimento anarquista e, principalmente, de potencialização de discussões sobre a realidade local e geral e sobre as perspectivas de ação anarquista. O evento propôs a realização de uma manifestação que chamaria atenção para as denúncias da corrupção e da opressão política brasileira e divulgaria a organização popular libertária, tendo boa receptividade pelas pessoas da cidade. O *IV Expressões Anarquistas* foi encerrado com debate para que se combinassem ações conjuntas. Os presentes marcaram seus ponteiros para o início da campanha do voto nulo, firmaram acordo sobre a realização de uma exposi-

ção sobre os 100 anos do 1º Congresso da COB em 2006 e combinaram comunicação e troca de experiências entre os projetos de movimento social. Nossa conclusão sobre o evento: o movimento anarquista realmente caracteriza-se pela multiplicidade e independência dos grupos locais, mas necessita de momentos como esses de delineamento de estratégias comuns.

Anarquismo em Feira: Fundado na cidade de Feira de Santana/BA o *Coletivo Anarco Comunista* que, junto com o *Núcleo de Estudos Anarquistas* promoveu em agosto e setembro o Ciclo “O Anarquismo e a Luta pela Liberdade”, com palestras e exibição de vídeos. O CCA pode ser contatado pelo endereço: comunista_anarquista@hotmail.com

Libertários capixabas: Foi inaugurado no dia 2 de abril o *Espaço Cultural GASA* (Grupo de Ação Social e Ambiental), que tem como principal objetivo ser um local de convergência de coletivos e indivíduos afins, no que diz respeito à luta anti-capitalista, anti-fascista e contra toda forma de preconceito e de injustiça. O espaço foi inaugurado com a apresentação de bandas, exposição de cartazes e fotos sobre meio ambiente, e visita a biblioteca, que conta com livros, revistas, jornais, zines e infos libertários e ecológicos. Contatos: Caixa Postal 11, CEP 29390-000, Iúna/ES ou gasa_ambsocial@hotmail.com.

Magonismo-Zapatismo: Recebemos do *Coletivo Autônomo Magonista* (CAMA) o excelente periódico *Viva Tierra y Libertad*, órgão das organizações e comunidades integrantes da *Aliança Magonista Zapatista* (AMZ). A AMZ, composta pelo próprio CAMA, pela OIHO (*Organizaciones Índias por los Derechos Humanos de Oaxaca*) e CODEDI (*Comité de Defensa de los Derechos Indígenas de Xanica*), afirma: “Somos Magonistas porque o índio Ricardo Flores Magón foi o mais consequente dos lutadores sociais oaxaquenhos: nunca se vendeu aos poderosos, nunca se conformou com as injustiças impostas ao povo e jamais aceitou a dominação do homem pelo homem. Somos Zapatistas porque sentimos na carne a necessidade de terra e liberdade perante a falta de soluções políticas em relação aos nossos conflitos agrários e ante o perigo iminente dos poderosos arrebatarem nossas terras e recursos naturais, para converterem nossas regiões em corredores industriais e militares”. AMZ: amz@espora.org e www.espora.org/amz/. A FARJ é solidária à luta dos Magonistas, Zapatistas e do povo indígena mexicano.

Preso político no Brasil: Pietro Mancini, ex-membro do grupo Autonomia Operária de Milão, cujo pedido de extradição feito pelo governo italiano de Berlusconi já produz seus efeitos no Brasil, uma vez que Mancini encontra-se encarcerado e afastando de sua família e afazeres profissionais. Enquanto terroristas de extrema direita que, de fato, cometeram crimes na década de 1970 transitam em liberdade, reativam-se casos como o de Mancini, cujo pedido de extradição só chegou ao Brasil dez anos depois do erro judicial de que foi vítima há 30 anos. O caso de Mancini se insere em um quadro de perseguição aos dissidentes da “nova ordem” reinante na Itália, de que também são alvo os anarquistas. Recentemente, 25 libertários foram presos e centenas fichados em vários pontos do território italiano.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * **LETRALIVRE**. CP 50083. CEP 20062-970. Rio/RJ * **COL. DOMINGOS PASSOS**. CP 100670. CEP 24001-970. Niterói/RJ * **CCS**. CP 2066. CEP 01060-970. São Paulo/SP * **ANA**. CP 78. CEP 11525-970. Cubatão/SP * **COL. TERRA LIVRE**. CP 1731. CEP 01009-970. São Paulo/SP * **COMLUT**. CP 768. CEP 13001-970. Campinas/SP * **MLPL**. CP 146. CEP 40001-970. Salvador/BA * **APPL**. CP 053. CEP 40001-970. Salvador/BA * **NUELCA**. CP 14. CEP 48000-970. Alagoínhas/BA * **FCL**. CP 10.115. CEP 58109-970. Campina Grande/PB * **MAPIBA**. CP 185. CEP 40001-970. Salvador/BA * **GEAL**. CP 3244. CEP 78060-970. Cuiabá/MT * **CNA**. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * **CRAP**. CP 584. CEP 14801-970. Araraquara/SP * **OPÚSCULO LIBERTÁRIO**. CP 15. CEP 11401-970. Guarujá/SP * **AFIME e GEAAP**. CP 2744. CEP 59022-970. Natal/RN * **MOTIM**. CP 77. CEP 29146-970. Cariacica/ES * **RLBS**. CP 99. CEP 11010-970. Santos/SP * **GASA**. CP 11. CEP 29390-000. Iúna/ES * **CCMA**. CP 665. CEP 01059-970. São Paulo/SP * **BARRICADA LIBERTÁRIA**. CP 5005. CEP 13036-970. Campinas/SP * **CAZP**. CP 136. CEP 57020-970. Macaé/AL * **CAO**. CP 306. CEP 65001-970. São Luís/MA * **FENIKSO NIGRA**. CP 999. CEP 13001-970. Campinas/SP * **COL. RUPTURA**. CP 2501. CEP 60721-970. Fortaleza/CE